

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

Sociedade Civil

Nº 3: Racismo/Grandes Lagos: Programa de Rádio “Geração Grandes Lagos”

Reportagem: Yann Durand

Redacção: Sandrine Blanchard

Tradução: Madalena Sampaio

1 Voz-Off Feminina (Texto de reportagem + Outro): Marta Barroso

2 Vozes (Intro + Diálogo):

- Nádia Issufo

- Daniel Machava

5 Vozes para voice-overs:

- **Sylvie:** mulher de 20 anos – Débora Miranda

- **Natacha:** mulher de 20 anos – Daiana Dalfito

- **Désiré:** homem de 30 anos – Márcio Pessôa

- **Casanova:** homem de 25 anos – Alexandre Schossler

- **Cyuma Baha:** homem de 50 anos – Carlos Martins

Opener LbE

Intro:

Nádia:

Olá a todos!

Daniel:

Sejam bem-vindos a mais um episódio do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” e da série sobre sociedade civil.

Nádia:

Hoje vamos falar de racismo e conflitos étnicos...

Daniel:

Vamos saber mais sobre um programa de rádio interactivo e transfronteiriço na região dos Grandes Lagos que promove o diálogo entre jovens de diferentes povos. Aqui vamos, então, para Kigali, no Ruanda.

Nádia:

Então... vamos lá!

Música: Ashley Beedle, The World Will Rock, 4097790000

Primeira Parte: Reportagem

O-Ton Sylvie (Francês):

“Rejeitamos todo o mal que aconteceu antes e dizemos que é preciso avançar, que temos de parar de nos odiarmos uns aos outros e que temos de olhar para o nosso futuro.”

Marta:

Estamos na Contact FM, a rádio referência de Kigali, a capital do Ruanda. Sylvie é uma jovem congoleza de apenas vinte anos e faz parte da equipa de animadores de “Geração Grandes Lagos”, um programa de rádio interactivo, feito por jovens e para jovens.

Atmo: Anúncio de rádios participantes

(SFX: Participating radios announcement)

Marta:

O objectivo de “Geração Grandes Lagos” é claro: promover o diálogo entre jovens de diferentes etnias de vários países da região. O programa interactivo é transmitido todos os domingos ao início da tarde em três países envolvidos no projecto: a República Democrática do Congo, o Burundi e o Ruanda. Uma região de África marcada, como outras, por conflitos intermináveis. Os diferentes povos partilham um destino comum, diz Désiré, de trinta anos, o coordenador da emissão no Burundi:

O-Ton Désiré (Francês):

“Todos os jovens passaram pelos mesmos problemas, conheceram momentos de guerra, momentos de crise. Por vezes, até estiveram no exército, foram usados por políticos. Viveram praticamente a mesma situação. Uma situação de crise...”

Atmo: Jingle “Geração Grandes Lagos”
(SFX: “Great Lakes Generation” jingle)

O-Ton Natacha (Francês):

“A nossa cultura, a nossa história... Está tudo interligado, temos mais semelhanças que diferenças e isso torna-se mais claro a cada dia que passa. Damo-nos conta que o que nos separa, na realidade, é a política.”

Marta:

É por isso que Natacha, uma ruandesa de vinte anos, se recusa, tal como os seus colegas, a cair nessa polémica. Uma polémica ilustrada no programa com um diálogo fictício:

Atmo: Diálogo fictício
(SFX: Fictional dialogue)

Marta:

A participação do público é fundamental para o projecto “Geração Grandes Lagos”. Os debates são em francês, a língua comum mais falada pelo público-alvo do projecto, o que não impede que os jovens intervenham em lingala, suaíli, kirundi ou kinyarwanda, para depois traduzirem as suas ideias.

Atmo: Participação de um ouvinte
(SFX: Listener contribution)

Marta:

O tema abordado hoje é a história da sub-região, que muda consoante o país ou mesmo as famílias. Todas as semanas, um convidado está presente no estúdio para debater um determinado tema. O convidado de hoje é Cyuma Baha, professor de filosofia na Universidade Nacional do Ruanda, em Kigali. Ele diz que os jovens têm uma oportunidade maior para vencer o racismo.

O-Ton Cyuma Baha (Francês):

“Eles têm uma vantagem que nós, na nossa idade, já não temos. É mais difícil para nós, na nossa idade, mudar o que pensamos sobre as várias fronteiras. A vantagem deles é que a questão é nova para eles e vê-los desmontar uma questão filosófica como a História já é encorajador.”

Marta:

“Até que ponto conhecemos os nossos vizinhos?” Foi a questão que “Geração Grandes Lagos” pôs aos seus ouvintes, quando o programa foi transmitido pela primeira vez em Outubro de 2006.

É precisamente essa a questão: nem sempre conhecemos aqueles que vivem do lado! Muitas vezes, o conhecimento é superficial, nem sempre se sabe o que os outros pensam. E, aqui, estamos também a falar de países vizinhos. O programa abordou ainda temas como a relação com as autoridades ou a manipulação, para permitir que os jovens se encontrem no ar e se livrem dos seus preconceitos... porque, no fundo, é esse o principal problema, tal como diz Casanova:

O-Ton Casanova (Francês):

“No Congo, por exemplo, há algumas mulheres com cicatrizes na cara e um ruandês poderá dizer que isto é um fetichismo congolês. É tudo uma questão de aprender o que eles fazem que nós não fazemos – não necessariamente mau – ou o que fazemos nós que eles não fazem. Podemos conhecer-nos uns aos outros para nos aproximarmos.”

Marta:

A aproximação também diz respeito à equipa de que faz parte Casanova. O ruandês desloca-se regularmente ao Burundi ou ao Congo, a cidades como Butare ou Bukavu, para apresentar um programa. E encontra-se muitas vezes com Sylvie, do Congo.

O-Ton Sylvie (Francês):

“Encontrámo-nos, por exemplo, em Butare e lá passámos três ou quatro dias e pensámos em diferentes temas que pudéssemos tratar nos próximos dias. Isso ajuda-nos a seguir os nossos pensamentos. Nós próprios somos jovens e fazemos parte de uma sociedade. Acho que sabemos do que gostam os jovens. O que pode atrair a sua atenção. Começamos por nós mesmos!”

Atmo: Recepção de chamadas telefónicas
(SFX: Receiving phone calls at the switchboard)

Marta:

Há muitas pessoas como Damas, que telefonam para participar no programa em directo, e há muitas mais a ouvir a emissão todas as semanas. A US AID, uma organização americana de ajuda ao desenvolvimento, que financia o projecto, e a “Search for Common Ground”, uma ONG internacional de resolução e prevenção de conflitos, estão satisfeitas com o sucesso do programa. Depois de nove meses no ar, 63% dos estudantes de Bujumbura, Kigali e Bukavu já ouviam o programa, afirma Désiré, o coordenador.

O-Ton Désiré (Francês):

“E também há, pelo menos, quatrocentos jovens que nos ouvem nos seus clubes de ouvintes da sub-região. Temos o feedback deles cada vez que preenchem formulários. Os clubes de ouvintes ajudam-nos a avaliar o programa e a decidir o que podemos fazer amanhã e depois de amanhã.”

Atmo: Música no estúdio ao vivo

(SFX: Music in the live studio)

Marta:

O programa “Geração Grandes Lagos” parece responder à necessidade que os jovens da região têm de olhar para além das diferenças étnicas. Natacha concorda.

O-Ton Natacha (Francês):

“Sim, é um programa. Mas, para além disso, é um estado de espírito. São os jovens de hoje que dizem: Não, acabou! Estamos fartos do nosso passado, desta história que tem sido transmitida de geração em geração! E queremos que a nossa geração seja aquela para quem as fronteiras são apenas físicas.”

Música: Ashley Beedle, The World Will Rock. 4097790000

Segunda Parte: Diálogo informativo

Daniel:

Diz-me, Nádia, todos os conflitos que existem ou que existiram na região dos Grandes Lagos ou no Darfur se devem ao racismo?

Nádia:

Antes de mais, como é que definimos “racismo”?

Daniel:

Bem... é a ideia em torno da qual existirão grupos raciais superiores a outros.

Nádia:

Pois. Mas foi provado geneticamente que não existem raças diferentes entre a espécie humana.

Daniel:

Está bem, mas isso continua a não querer dizer que as pessoas não gostem de pessoas de outro grupo!

Nádia:

Não, não quer, tens razão. Mas na realidade, as diferenças físicas ou culturais tornam as pessoas desconfiadas e, muitas vezes, um grupo quer ser superior a outro de forma a obter benefícios, privilégios...

Daniel:

Isso é segregação?

Nádia:

Sim, a partir do momento em que a legislação de um país define diferentes direitos para cada grupo, aí pode haver segregação. Por outro lado, se a desvantagem não está institucionalizada, se não figura nos textos oficiais, trata-se mais de discriminação.

Daniel:

Mas como é que alguém se torna racista ou xenófobo? As pessoas não nascem assim!

Nádia:

Não, nada disso! Os cientistas dizem que é um fenómeno cultural. E, muitas vezes, uma criança, que cresce num ambiente racista, torna-se racista inconscientemente. Os pais desempenham obviamente um papel importante nessa orientação.

Daniel:

É por isso que no programa “Geração Grandes Lagos” os ouvimos insistir na manipulação, na deformação da História? Eles perceberam que tinham de questionar as ideias dos pais, dos mais velhos?

Nádia:

Exactamente! Mas não é fácil, sabes. Os psicólogos dizem que é difícil “descondicionar” crianças com mais de dez anos de idade do medo inconsciente que está na origem do racismo.

Daniel:

Medo?

Nádia:

Oh! Iria demorar muito tempo a explicar-te todos os detalhes deste assunto tão complicado! Mas, basicamente, em todos os seres humanos reside um medo ancestral e aqueles que não conseguem lidar com ele, projectam-no em qualquer outra parte e isso pode provocar o que chamamos de racismo.

Música: Ashley Beedle, The World Will Rock, 4097790000

Outro:

Marta:

E assim chegamos ao fim do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”.
Obrigada por terem acompanhado este episódio dedicado à sociedade civil e ao racismo. Para saber mais, voltar a ouvir esta emissão ou deixar os vossos comentários, basta entrar na nossa página online:

www.dw-world.de/lbe

[w w w ponto d w traço w o r l d ponto d e barra l b e]

Também podem escrever-nos um e-mail para:

afriportug@dw-world.de

Até à próxima, fiquem bem!